Quem Vai Dizer “Fica” Primeiro

Trabalhar Juntos Não Significa Construir um Futuro Juntos



Laura Bellini

Quem Vai Dizer “Fica” Primeiro

Trabalhar Juntos Não Significa Construir um Futuro Juntos

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904268

ALL-IN Rafał Płonkowski

ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições de Colaboração 12
Capítulo 2 - Limites e uma Linguagem em Comum 23
Capítulo 3 - Quando o Plano Deixa de Ser Suficiente 37
Capítulo 4 - Além das Margens 48
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 62
Capítulo 6 - Um Momento que Não Planejei 73
Capítulo 7 - A Manhã Depois da Mudança 87
Capítulo 8 - O Mundo Fora da Residência 97
Capítulo 9 - O Risco de uma Decisão em Conjunto 110
Capítulo 10 - Tudo o que Não Pode Ser Planejado 122
Capítulo 11 - Uma Manhã Sem Promessas 135
Capítulo 12 - Uma Mensagem Sem Meu Nome 145
Capítulo 13 - O Preço das Próprias Escolhas 154
Capítulo 14 - A Verdade Sob uma Luz Incompleta 164
Capítulo 15 - Tudo o que Você Não Me Contou 177
Capítulo 16 - Um Espaço para a Distância 189
Capítulo 17 - A Vida Não Pode Esperar 201
Capítulo 18 - A Proposta Sobre a Mesa 212
Capítulo 19 - Uma Escolha que Tem seu Preço 226
Capítulo 20 - Quando os Dois Escolhem Ficar 239

INTRO

Cheguei às montanhas Bieszczady com três malas, um tubo cheio de documentos e um plano que não pretendia mudar por ninguém.

Pelo menos era isso que repetia para mim mesma enquanto o carro subia por uma estrada estreita e molhada, e cada nova curva revelava colinas cada vez mais distantes da civilização. A chuva havia parado alguns minutos antes, mas os galhos das árvores ainda escorriam água. A neblina repousava nas encostas, deslizando lentamente entre os abetos escuros. Em algum lugar mais abaixo, devia correr um riacho. Eu não conseguia vê-lo, mas ouvia seu murmúrio constante.

A residência surgiu depois da última curva. O edifício antigo e espaçoso, com uma varanda de madeira, janelas altas e escadarias de pedra, parecia um lugar que havia muito tempo não precisava provar nada a ninguém. Não era luxuoso no sentido moderno da palavra. Em compensação, tinha algo que faltava à maioria dos lugares onde eu havia trabalhado ultimamente: um silêncio que não parecia artificial.

Estacionei diante da entrada e, por alguns instantes, permaneci dentro do carro.

Eu havia vindo para passar algumas semanas ali e colaborar na criação de um livro de arte. Ficaria responsável pelas ilustrações, por sua composição e pela narrativa visual. Meu trabalho não consistia em simplesmente enfeitar as frases de outra pessoa. Queria que as imagens tivessem voz própria, que não fossem apenas um cenário elegante para o texto. Aceitei o projeto porque seu tema me

interessava, as condições me permitiam preservar minha independência e a remuneração finalmente me daria um pouco de tranquilidade.

Mas eu tinha outro plano.

Durante minha estadia, pretendia preparar a primeira parte do meu próprio portfólio. Havia meses que adiava esse projeto, sempre encontrando alguma coisa mais urgente, mais lucrativa ou que exigisse uma resposta imediata. Dessa vez, queria reservar as manhãs para ele. Sem telefonemas, sem reuniões, sem precisar corrigir as ideias de outras pessoas. Apenas eu, o papel e as imagens que esperavam havia tanto tempo, dentro da minha cabeça, pelo momento certo para ganhar forma.

As noites seriam dedicadas ao descanso.

Parecia um acordo bastante razoável.

Carreguei a primeira mala pelos degraus e apertei a maçaneta. Lá dentro, o ar tinha cheiro de madeira, café e alguma outra coisa — talvez livros antigos, cujas lombadas preenchiam as estantes do amplo saguão. Fotografias das montanhas decoravam as paredes, e, perto da escadaria, havia uma pequena mesa com um vaso de cerâmica. Atrás de uma porta à direita, eu ouvia as vozes dos funcionários preparando o salão de refeições.

Antes que eu tivesse tempo de bater à porta da recepção, ouvi alguém atrás de mim:

— Senhora Aniela Żur?

Virei-me. Uma mulher usando um suéter azul-marinho segurava um caderno de anotações debaixo do braço.

— Sim. Espero não ter chegado cedo demais.

— Chegou na hora certa. Seu quarto está pronto. Seu colega de trabalho chegou ainda antes do meio-dia.

Não gostei muito daquela expressão. Colega de trabalho. Parecia inofensiva, mas, na prática, podia significar qualquer coisa — desde alguém que respeitasse os papéis previamente estabelecidos até uma pessoa convencida de que um projeto em comum lhe dava o direito de administrar o trabalho dos outros.

— Lesław Roj? — confirmei.

— Exatamente. Está na varanda agora. Acho que está examinando os materiais.

Assenti enquanto recebia a chave.

Não pretendia procurá-lo imediatamente. Primeiro queria conhecer meu quarto, desfazer as malas com o essencial e encontrar um lugar onde pudesse trabalhar tranquilamente. Já tinha experiência suficiente com pessoas que, no primeiro dia, falavam sobre uma visão compartilhada e, no segundo, começavam a enviar observações sobre cada pequeno detalhe.

Meu quarto ficava no andar de cima. Era claro, com uma grande janela voltada para o jardim e uma pequena escrivaninha encostada à parede. Coloquei meu caderno de desenhos sobre ela, tirei o casaco e me aproximei da janela. Ao longe, conseguia ver uma parte da varanda, onde havia duas poltronas de madeira.

Era exatamente ali que eu gostaria de trabalhar mais tarde.

Peguei o caderno e desci. Não estava com vontade de passar minha primeira noite trancada no quarto. O ar depois da chuva estava frio, mas agradável. Na varanda reinava

uma penumbra, e a luz suave das luminárias revelava os tons quentes da madeira.

Havia um homem sentado à uma das mesas.

Diante dele estavam um laptop aberto, algumas folhas impressas e uma xícara de café. Vestia um suéter escuro, com as mangas casualmente dobradas até os antebraços. Não parecia alguém que tivesse vindo até ali para descansar. Parecia, antes, o tipo de pessoa capaz de trabalhar em qualquer circunstância, desde que tivesse acesso a café e uma conexão estável com a internet.

Ergui ligeiramente o caderno para não incomodá-lo e caminhei em direção à poltrona vazia.

Foi então que o vento levantou uma das folhas soltas que, aparentemente, eu não havia prendido direito entre as páginas. O papel atravessou a varanda e parou junto ao pé do homem.

Ele o pegou antes que eu pudesse reagir.

— Acho que isto é seu.

Aproximei-me e estendi a mão.

— Obrigada.

Ele não me devolveu a folha imediatamente. Estava observando o desenho de um antigo prédio residencial, com as janelas refletindo a luz do sol poente.

— Bonito — comentou.

— Eu sei.

Ele levantou os olhos. Por um instante, pareceu surpreso, mas logo sorriu.

— Pelo menos não precisa fingir modéstia.

— E o senhor não precisa fingir que é crítico de arte. É apenas um esboço.

— Não estou fingindo. Simplesmente gosto de coisas que não tentam ser diferentes daquilo que realmente são.

Devolveu-me a folha.

Sua voz era tranquila, um pouco mais grave do que eu esperava. Falava sem pressa, como se não sentisse necessidade de preencher cada momento de silêncio. Também percebi que não me olhava daquela maneira à qual eu havia me acostumado em algumas reuniões profissionais. Não avaliava minhas roupas, não procurava confirmar a própria importância. Simplesmente escutava.

Era agradavelmente perturbador.

— Veio para trabalhar? — perguntou.

— Sem dúvida. Embora espere que o lugar não atrapalhe.

— As montanhas Bieszczady raramente atrapalham. As pessoas, com mais frequência.

— Nesse caso, temos experiências parecidas.

Dessa vez, seu sorriso ficou mais evidente.

— Lesław Roj.

Seu sobrenome me pareceu familiar. Por um segundo, não consegui associá-lo a nenhum rosto, embora já trocássemos mensagens havia semanas sobre o projeto. Eu conhecia suas observações, suas correções e a maneira como formulava seus comentários. Sabia que era editor literário. Só não conhecia sua aparência.

— Aniela Żur — respondi.

— Eu sei.

— Isso é um pouco preocupante.

— Espero que não tanto quanto sua resposta às minhas observações sobre a última versão dos materiais.

Apoiei o caderno sobre a mesa.

— Se está falando daquelas observações, continuo achando que algumas delas não levam em consideração a natureza das ilustrações.

— E eu continuo achando que o leitor precisa ter a possibilidade de entrar no livro, não apenas admirá-lo por fora.

— Então começamos com uma divergência de opiniões?

— Pelo visto, nem precisamos de uma reunião oficial para isso.

Não respondi imediatamente. Era exatamente o que me preocupava. Não a simples diferença de opiniões, mas a maneira como ela poderia se espalhar por todo o processo de trabalho. Eu não pretendia abrir mão do controle sobre minhas ilustrações só porque alguém sabia falar de maneira convincente sobre as necessidades do leitor.

— Vamos acertar tudo amanhã — disse finalmente. — Hoje eu gostaria apenas de aproveitar o silêncio.

— Entendo.

Ele fechou o laptop e afastou as folhas impressas, abrindo espaço sobre a mesa.

Foi um gesto pequeno, mas eu o notei. Não tentou me prender à conversa, não acrescentou novos argumentos, não tratou meu afastamento como um convite para negociar.

— Nesse caso, desejo uma noite tranquila, senhora Aniela.

— Igualmente, senhor Lesław.

Afastei-me alguns passos antes de me lembrar do caderno. Eu o havia deixado sobre a poltrona e, ao perceber isso, ele o pegou e me entregou sem fazer comentários.

Nossos dedos se tocaram por um breve instante. Nada de especial. Um simples acidente ao qual não deveria atribuir nenhum significado.

Ainda assim, quando voltei ao quarto, passei um bom tempo sem conseguir me concentrar nos meus próprios desenhos.

Pela janela, eu via o jardim escurecendo. A luminária da varanda continuava acesa, e a silhueta de Lesław passou diante do vidro. Ele havia voltado ao trabalho. Eu, por outro lado, comecei a sentir o incômodo de um pensamento: o homem com quem passaria as próximas semanas havia se revelado muito mais difícil de classificar do que sua correspondência sugeria.

Tirei minha agenda da bolsa e a abri na página onde havia organizado o planejamento da estadia. Manhãs para mim. Tardes para o projeto. Noites sem compromissos. Nenhum acordo adicional, nenhum compromisso desnecessário.

Passei o dedo pelas horas anotadas, como se assim pudesse ter certeza de que ainda me pertenciam.

Eu ainda não sabia se Lesław seria um bom editor. Não sabia se conseguiria respeitar a visão de outra pessoa, nem se nossas diferenças profissionais se mostrariam criativas ou simplesmente cansativas. Mas sabia que sua presença já havia mudado alguma coisa no meu plano cuidadosamente preparado, logo naquela primeira noite.

E, pela primeira vez em muito tempo, fiz a mim mesma uma pergunta que não queria fazer: se amanhã ele se revelasse alguém além de um colega de trabalho difícil, eu

seria capaz de permitir que ficasse, ainda que só um pouco mais?

Capítulo 1 - Condições de Colaboração

Na manhã seguinte, acordei mais cedo do que havia planejado. A neblina ainda pairava do lado de fora da janela, e os galhos molhados das árvores se moviam discretamente ao vento. Durante alguns minutos, permaneci deitada, ouvindo os sons da residência. Alguém arrastou uma cadeira no corredor, uma porta se fechou em algum lugar no andar de baixo e, logo depois, ouvi o ruído suave de uma máquina de café. Uma manhã comum, que deveria pertencer exclusivamente a mim.

Peguei meu caderno de desenhos. Na última página estava uma composição inacabada na qual eu trabalhava antes mesmo de chegar ali. Representava o interior de um quarto vazio, visto através de uma porta entreaberta. Não havia nenhuma figura humana, apenas a luz que incidia sobre o chão e a sombra de uma cortina. Queria desenvolver aquele motivo em uma série de ilustrações para meu próprio portfólio. Já tinha algumas ideias, mas ainda me faltava tempo para dar a elas uma forma definitiva.

Deslizei o lápis pela moldura da janela. Bastaram alguns minutos para que eu voltasse a sentir que estava recuperando o controle sobre o meu próprio dia.

Às nove horas, teria uma reunião com Lesław e a coordenadora do projeto. Até lá, pretendia terminar o esboço, tomar café da manhã e me preparar para a conversa. Não esperava dificuldades. Afinal, ambos sabíamos quais eram nossas responsabilidades. Eu cuidaria da parte visual, enquanto ele seria responsável pelo texto e pela edição. Criar um livro em conjunto não significava que precisaríamos tomar todas as decisões juntos.

Às nove e cinco, desci até a sala da biblioteca.

O ambiente ficava em uma das alas laterais da residência. As janelas altas davam para o jardim, e, encostada em uma das paredes, havia uma mesa comprida com várias luminárias. Sobre ela estavam espalhados trechos de textos impressos, pastas e amostras de papel. Lesław estava sentado perto da janela. Vestia uma camisa clara, com as mangas dobradas, e uma calça escura. Lia alguma coisa na tela do laptop, enquanto mantinha uma caneca de café ao lado.

Levantou a cabeça quando entrei.

— Bom dia.

— Bom dia. Vejo que você já se apropriou de metade da mesa.

— Apenas da parte que os documentos ainda não ocuparam.

— Os documentos não precisam de tanto espaço.

— Depende dos documentos.

Não sorri, embora a resposta tivesse sido bastante boa. Coloquei meu caderno na extremidade livre da mesa e tirei o casaco.

Pouco depois, Marta se juntou a nós. Era a coordenadora da residência e a responsável pelo contato com a editora. Trouxe três cópias do cronograma e uma pequena pasta com materiais relacionados ao livro. Devia ter aproximadamente quarenta anos, tinha cabelos curtos e um jeito de falar que não deixava dúvidas de que gostava de manter tudo organizado.

— Que bom que vocês chegaram. Gostaria que hoje resolvêssemos as principais questões organizacionais. Não

precisam decidir cada ilustração nem cada frase, mas precisamos ter uma compreensão comum sobre o que este livro deve ser.

Sentei-me em frente a Lesław.

Marta abriu a pasta e retirou a primeira página do projeto. No alto estava escrito o título provisório: "As Coisas que Permanecem". Abaixo aparecia a descrição da publicação, que eu já conhecia dos materiais anteriores.

O livro deveria falar sobre lugares que carregavam vestígios da presença humana, mesmo quando sua função original havia deixado de existir havia muito tempo. Casas, quartos, oficinas, estações ferroviárias e espaços que haviam mudado de proprietários ou de finalidade. Os textos combinariam lembranças pessoais, observações e pequenas formas literárias. As ilustrações não deveriam documentar edifícios específicos, mas revelar o significado emocional que existia por trás deles.

Aquela ideia havia sido justamente o que me convencera a aceitar o trabalho. Eu não queria criar mais um álbum de imagens bonitas. Interessava-me aquilo que permanece dentro de uma pessoa depois que ela deixa determinado lugar. Às vezes, era a lembrança de alguém; outras vezes, um cheiro ou um objeto que ninguém tivera coragem de jogar fora.

— Sugiro que comecemos pela estrutura — disse Lesław. — Se temos trinta textos, precisamos decidir como eles vão dialogar entre si.

— Não acho que todos precisem dialogar — respondi. — Alguns podem existir de maneira independente.

— Podem. Mas o leitor precisa ter a sensação de que está percorrendo um livro, e não folheando uma coleção aleatória de materiais.

— Nem todas as histórias precisam seguir a mesma direção.

— Não precisam. Mas exigem uma ordem consciente.

Ele abriu uma das folhas impressas. Reconheci um trecho sobre uma casa antiga onde várias gerações de uma mesma família haviam vivido durante anos. O autor descrevia a mesa em torno da qual todos se reuniam aos domingos e um quarto que ninguém mais queria usar depois da morte da moradora mais velha.

— Este texto não deveria ficar ao lado da história sobre a estação ferroviária desativada — continuou. — Não porque um seja melhor ou pior que o outro. Simplesmente falam de tipos diferentes de perda.

— E se justamente por isso devessem ficar lado a lado? — perguntei. — Uma história sobre a perda de um lugar, outra sobre a perda da rotina. O próprio leitor pode encontrar uma ligação entre elas.

Lesław me olhou com mais atenção.

— É interessante. Mas você não pode presumir que qualquer combinação vai funcionar só porque tem uma ideia visual para ela.

— Não estou presumindo nada. É justamente por isso que quero ver o conjunto antes de tomar decisões sobre as ilustrações.

— E eu quero ver as propostas de ilustração antes de definir a ordem dos textos.

Por um momento, ficamos nos olhando em silêncio.

Marta pigarreou.

— É exatamente por isso que estamos todos reunidos — disse ela. — Vocês não precisam concordar desde o primeiro minuto. Precisam encontrar uma maneira de trabalhar que permita aproveitar as competências um do outro.

Apoiei as mãos sobre a mesa.

— Tenho uma condição. Não quero que os textos comecem a ditar minha maneira de desenhar. Se eu decidir que determinada ilustração será abstrata ou não apresentará nenhum objeto específico, não quero receber observações dizendo que ela deveria representar exatamente aquilo que foi descrito no texto.

Lesław afastou a folha impressa.

— Não pretendo encomendar ilustrações para cada parágrafo. Mas, se uma imagem mudar o significado de um trecho, precisamos conversar sobre isso.

— Conversar, podemos.

— Isso não é a mesma coisa que aprovar tudo depois de pronto.

Percebi que ele não elevava a voz. Também não tentava aproveitar a presença de Marta para impor seu ponto de vista. Falava calmamente, mas não recuava. Havia algo irritante naquela postura e, ao mesmo tempo, algo difícil de ignorar.

— Você quer ter influência sobre as ilustrações?

— Quero ter influência sobre o livro pelo qual sou responsável editorialmente. Você tem influência sobre as imagens. Não vejo motivo para fingirmos que essas duas coisas nunca vão se encontrar.

— E eu não vejo motivo para tratar cada diferença como um erro que precisa ser corrigido.

Marta deslizou o cronograma em nossa direção.

— Talvez possamos estabelecer um procedimento. Primeiro, vocês prepararão propostas independentes. Lesław desenvolverá a ordem dos textos, e Aniela apresentará o conceito visual. Depois, farão uma consulta em conjunto e decidirão quais elementos precisam de ajustes. Não aprovaremos nada sem a participação dos dois.

— Parece razoável — respondi.

— Desde que a consulta não se transforme em uma troca de comentários depois que todo o trabalho estiver terminado — acrescentou Lesław.

Olhei para ele.

— Você tem uma habilidade extraordinária para complicar acordos simples.

— Deformação profissional.

— Então espero que não seja incurável.

Dessa vez, Marta riu. Lesław também, embora seu sorriso fosse bem mais discreto.

Voltamos ao cronograma. Definimos os prazos para as primeiras propostas, o número de reuniões e a maneira como trocaríamos os materiais. Minhas manhãs deveriam permanecer livres de consultas obrigatórias, exceto em situações nas quais ambos concordássemos antecipadamente com alguma mudança. Reservamos as tardes para trabalhar na publicação em conjunto.

Aquela cláusula era mais importante para mim do que eu gostaria de admitir. Não havia viajado até as montanhas

Bieszczady para subordinar meus próprios projetos à agenda de outra pessoa mais uma vez.

— Também não quero que um de nós faça alterações nos materiais do outro sem conversar antes — acrescentei quando Marta anotava os últimos acordos.

Lesław deixou a caneta sobre a mesa.

— Concordo, desde que não tratemos cada sugestão como uma invasão das competências da outra pessoa.

— Posso prometer que vou ouvir os argumentos.

— Já é alguma coisa.

— Não se acostume a conseguir resultados tão rapidamente.

Por um breve instante, seu olhar permaneceu em meu rosto. Não havia triunfo nele. Parecia mais a expressão divertida de alguém que acabara de descobrir que aquela conversa seria mais difícil, mas provavelmente mais interessante do que imaginava.

Depois da reunião, Marta saiu para atender uma ligação. Fiquei com Lesław à mesa, organizando as folhas impressas. Peguei algumas páginas que estavam ao lado do laptop dele.

— Estes são todos os textos? — perguntei.

— A maioria. Alguns ainda precisam da autorização dos autores para os cortes.

— E você já sabe quais são os mais importantes?

— Não. Sei quais parecem mais fortes à primeira vista. Não é necessariamente a mesma coisa.

Aquilo despertou meu interesse mais do que deveria.

— Por quê?

— Porque o texto que causa a maior impressão na primeira leitura nem sempre é aquele que permanece por mais tempo dentro de alguém. Às vezes, a frase mais importante está escondida no meio, quase despercebida.

Continuei examinando as folhas. Uma delas continha a descrição de um pequeno quarto onde funcionara uma alfaiataria durante várias décadas. A proprietária não queria se mudar, embora o edifício estivesse destinado a uma reforma. O autor descrevia o hábito que ela tinha de sempre guardar a tesoura no mesmo lugar.

— Este é bom — comentei.

— Também acho.

— Mas não sei se deveria ilustrá-lo literalmente.

— Não deveria.

Levantei os olhos.

— Sério?

— Sério. Se eu quisesse ver uma tesoura sobre uma mesa, compraria um catálogo de equipamentos para oficinas.

Comecei a rir antes de conseguir me conter.

— Esse foi o primeiro argumento sensato que ouvi hoje.

— Anote, por favor. Talvez ainda seja útil.

Por alguns instantes, organizamos os documentos em silêncio. Percebi que Lesław não os separava por números, mas por pequenos papéis coloridos com suas próprias anotações. Cada um tinha uma cor diferente, e alguns traziam palavras isoladas: "retorno", "ausência", "cotidiano", "testemunha".

— Você realmente marca tudo assim? — perguntei.

— Apenas as coisas que não quero perder.

— E se perder uma dessas anotações?

— Então preciso ler o texto novamente.

— Ou seja, seu sistema depende da memória.

— E do fato de eu não jogar os papéis fora às pressas.

Olhei para a pilha de folhas. Havia algo surpreendentemente pessoal naquele caos organizado. Ele não parecia alguém que trabalhasse mecanicamente. Prestava atenção aos detalhes, mas não precisava falar sobre eles de maneira ostensiva.

— Você também desenha tudo? — perguntou.

— Não tudo.

— Que pena.

— Por quê?

— Gostaria de ver como seria uma ilustração do seu sistema de anotações.

— Pois bem. Provavelmente desenharia um homem tentando organizar a bagunça, em vez de simplesmente jogar metade das folhas fora.

— Seria um retrato bastante impiedoso.

— Não prometi que seria elogioso.

Ele sorriu e, pela primeira vez, pensei que talvez fosse mais fácil conversar com ele do que eu havia imaginado. Isso ainda não significava que saberíamos trabalhar juntos. Um bom diálogo não resolvia problemas profissionais, e simpatia mútua não era um argumento para decidir a composição de um livro.

Peguei meu caderno e caminhei em direção à saída.

— Aniela?

Virei-me.

— Sim?

— Sei que combinamos propostas independentes. Mas gostaria que amanhã conversássemos sobre um dos textos. Aquele da alfaiataria. Tenho a impressão de que podemos construir algo mais importante a partir dele do que um capítulo isolado.

— Pode me enviar os materiais.

— Posso. Mas preferia primeiro ouvir o que você enxerga nele.

Pensei por um instante.

— Amanhã à tarde. Desde que você não tente decidir por mim o que devo desenhar.

— E se eu tiver uma boa sugestão?

— Nesse caso, poderá apresentá-la.

— Um acordo justo.

— Por enquanto.

Saí da biblioteca com a sensação de que a reunião não havia terminado exatamente como eu planejara. Mas também não havia perdido nenhuma das coisas que considerava importantes. Meus horários estavam protegidos, nossos papéis estavam definidos e as responsabilidades haviam sido registradas.

Ainda assim, enquanto voltava para o quarto, não pensava no cronograma, mas em uma frase de Lesław. Ele queria primeiro ouvir o que eu enxergava.

Não me lembrava de nenhum dos últimos clientes ter me feito uma pergunta semelhante.

Aquilo não era suficiente para confiar em alguém. Mas era suficiente para que, no dia seguinte, eu não tivesse tanta pressa de encerrar a conversa.

Capítulo 2 - Limites e uma Linguagem em Comum

Na manhã seguinte, dediquei meu tempo às minhas próprias ilustrações. Fechei a porta do quarto, coloquei o celular no silencioso e espalhei algumas folhas de papel sobre a escrivaninha. Queria preparar uma série de esboços antes de começar a pensar no livro que estávamos desenvolvendo com Lesław. Não porque o projeto tivesse deixado de me interessar. Simplesmente precisava me lembrar de que minha vida profissional não começava nem terminava com um único trabalho.

Perto do meio-dia, Marta me ligou. Informou que havia uma encomenda com amostras de papel esperando por mim no refeitório e que, depois do almoço, poderíamos utilizar uma pequena sala de trabalho no térreo. Um espaço seria preparado ali para nossas consultas conjuntas.

Desci com uma pasta de esboços. Lesław já estava sentado à mesa do refeitório. Diante dele havia um caderno aberto e, ao lado, um prato com um sanduíche que aparentemente ainda não tivera tempo de terminar.

— Bom dia — disse.

— Bom dia. Como foi sua manhã?

— Minha.

Ele me olhou com uma expressão levemente divertida.

— Entendi. Não vou perguntar detalhes.

— É uma decisão sensata.

Indicou a cadeira à sua frente.

— Trouxe o texto sobre a alfaiataria. Pensei que poderíamos começar por ele.

Sentei-me e tirei minhas anotações da pasta.

— Li ontem à noite. Não estou convencida pelo final proposto.

— Eu também não.

— Ótimo. Pelo menos não precisaremos discutir sobre tudo.

— Não me apegaria tanto a essa esperança.

Entregou-me o texto impresso. Li o trecho que havia marcado. A história era sobre uma mulher que administrara uma pequena alfaiataria durante mais de trinta anos. Depois de fechar o estabelecimento, transferiu parte dos equipamentos para seu apartamento, mas nunca mais voltou a trabalhar. O texto mencionava uma máquina de costura posicionada perto da janela e as marcas deixadas pelas cadeiras no piso de madeira.

— O autor termina falando do cômodo vazio — disse Lesław. — Na minha opinião, ele encerra a história com facilidade demais.

— Porque entrega uma conclusão pronta ao leitor?

— Exatamente. Tudo é explicado antes que ele tenha tempo de formular uma pergunta.

Deslizei o dedo pela folha.

— Eu vejo de outra maneira. Não gostaria de desenhar a alfaiataria em si. Interessa-me mais o momento em que alguém deixa de ser necessário ao lugar onde passou metade da vida.

— É uma ideia forte.

— Mas não quero transformar aquela mulher em um símbolo. Ela era uma pessoa concreta. Tinha seus hábitos, seus clientes e provavelmente também dias em que não estava com vontade de conversar com ninguém.

— Então a ilustração deveria mostrar o cotidiano, não a perda?

— Talvez o vestígio dele. Por exemplo, uma bancada com pequenos cortes na superfície. Ou a luz na parede onde antes havia um espelho. Não quero desenhar o vazio como se fosse um grande acontecimento dramático.

Lesław ficou em silêncio por alguns instantes. Depois pegou a caneta e escreveu alguma coisa na margem.

— E o texto? — perguntou.

— Deveria terminar antes. Na frase sobre a mulher que continuava guardando a tesoura no mesmo lugar, embora já não tivesse uma mesa onde pudesse usá-la.

Ele levantou a cabeça.

— Essa frase não está na versão atual.

— Está no meio. Podemos colocá-la no final.

— E retirar o último parágrafo?

— Sim.

Não respondeu imediatamente. Leu o trecho novamente e depois deixou a caneta sobre a mesa.

— Concordo.

Fiquei surpresa com a facilidade com que disse aquilo. Eu já havia preparado mentalmente alguns argumentos para o caso de ele começar a defender o final original.

— Sem nenhuma ressalva?

— Tenho uma. Precisamos perguntar ao autor se ele concorda com a mudança na ordem dos parágrafos.

— Claro.

— Não quero que alteremos a história de alguém apenas porque encontramos uma composição melhor para ela.

Olhei para ele com mais atenção.

— Isso é justo.

— Estou tentando ser.

Não havia falsa modéstia em sua voz. Ele simplesmente constatava um fato. Pensei que aquele era exatamente o tipo de atitude que havia me faltado em algumas colaborações anteriores. Eu não precisava de alguém que concordasse comigo em tudo. Precisava de uma pessoa capaz de distinguir a própria ambição da responsabilidade pelo trabalho de outra pessoa.

Depois do almoço, nos transferimos para a sala de trabalho. O ambiente era pequeno, mas bem iluminado. Havia estantes com papéis encostadas em uma das paredes e uma mesa larga posicionada sob a janela. No centro, existia espaço suficiente para abrirmos folhas maiores. O ar tinha um leve cheiro de madeira e tinta de impressão.

Espalhei meus esboços sobre a mesa. Lesław trouxe as versões impressas dos textos e algumas propostas de organização dos capítulos. Não começamos examinando todos os materiais. Em vez disso, decidimos escolher três histórias que pudessem definir o tom da publicação inteira.

A primeira era sobre a alfaiataria. A segunda, sobre uma pequena estação ferroviária onde os trens de passageiros já não paravam havia anos. A terceira contava a história de um